



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## TATUAGENS E JUVENTUDE: REFLEXÕES SOBRE CORPO E AUTONOMIA<sup>1</sup>.

Andréa Osório

Universidade Federal Fluminense

andrea.osorio@ig.com.br

Petit, o surfista cantado por Caetano Veloso em *Menino do Rio*, que tinha um “dragão tatuado no braço”, foi um dos responsáveis pela associação entre tatuagem e grupos jovens (Marques, 1997). Em observação de campo em dois estúdios de tatuagem<sup>2</sup> na cidade do Rio de Janeiro entre 2003 e 2004, percebi que os grupos de cultura jovem não formam a maioria da clientela. Em um dos estúdios pesquisados, próximo às praias de Copacabana e Ipanema, os surfistas são um grupo visível entre os clientes, mas não constituem o público majoritário. Por outro lado, o mesmo imaginário que associa a prática a estes grupos, normalmente associa-a a um universo masculino e os próprios grupos jovens são pensados como fundamentalmente masculinos<sup>3</sup> ou sem maiores reflexões a partir do recorte de gênero, como em Vianna (1985) sobre o universo *funk* carioca, Caiafa (1988) sobre os *punks* cariocas, Costa (1993) sobre os “carecas” paulistas e Abramo (1994) sobre *punks* e *darks*. Em campo, identifiquei um público majoritariamente feminino e que não podia ser associado a nenhum grupo jovem específico.

A análise das fichas de cadastro de clientes de um dos estúdios pesquisados apontou para as mulheres como sexo majoritário: cerca de 70% dos clientes, número observado por

---

<sup>1</sup> Esta é uma versão reduzida do artigo “Tatuagem e autonomia: reflexões sobre a juventude”, In *Cadernos de Campo*, v.14/15, 2006: 83 - 98.

<sup>2</sup> Os estúdios não foram propriamente escolhidos, mas indicados por pessoas amigas que intercederam junto aos proprietários para que eu pudesse realizar a pesquisa.

<sup>3</sup> Conforme também observado por WELLER (2005).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

outros tatuadores em outros estúdios da cidade, como Emerson, tatuador da Rocinha<sup>4</sup>, que afirmou ao *site* Beleza Pura<sup>5</sup> que 70% de seus clientes são mulheres (Leal 2005). Estas fichas de cadastro apontaram, ainda, para a existência de faixas etárias no público local que não aquelas consideradas “jovens”. Estes dados indicaram a necessidade de observar em quais situações a tatuagem é prática característica da juventude e em quais é uma opção corporal popular, mais uma prática de modificação corporal não restrita aos estratos jovens, mas disseminada por diferentes faixas etárias.

O levantamento efetuado no cadastro de clientes do estúdio pesquisado na Tijuca<sup>6</sup>, referente aos meses de setembro e dezembro de 2003 e janeiro de 2004, demonstrou uma variação interessante quanto à faixa etária da clientela. Dezembro é considerado pelos tatuadores deste estúdio um mês de alto movimento. Os meses do verão, os que o antecedem e o mês de julho são considerados mais proveitosos financeiramente<sup>7</sup>. O total do mês de setembro é de 159 respostas sobre idade em 162 fichas, enquanto o de dezembro é de 254 em um total de 262 fichas e o de janeiro é de 166 respostas em 180 fichas, conforme a tabela n. 1 abaixo.

**Tabela n. 1– Faixa etária dos clientes do estúdio pesquisado na Tijuca.**

FAIXA ETÁRIA	MÊS /ANO			TOTAL
	SETEMBRO/2003	DEZEMBRO/2003	JANEIRO/2004	
16-17	4 (2.5%)	6 (2.4%)	1 (0.6%)	11 (2%)
18-19	16 (10%)	10 (4%)	12 (7.2%)	38 (6.6%)
<b>20-25</b>	<b>57 (35.8%)</b>	<b>78 (30.7%)</b>	<b>46 (27.7%)</b>	<b>181 (31.3%)</b>
26-29	20 (12.6%)	49 (19.3%)	29 (17.5%)	98 (17%)
<b>30-39</b>	<b>36 (22.6%)</b>	<b>87 (34.2%)</b>	<b>52 (31.3%)</b>	<b>175 (30.2%)</b>

<sup>4</sup> Antiga “maior favela da América Latina”, hoje com *status* de bairro, encravada no morro entre os bairros da Gávea e São Conrado, Zona Sul carioca, áreas extremamente valorizadas da cidade.

<sup>5</sup> Ligado ao *site* do projeto Viva Favela do Viva Rio, ONG carioca. O projeto privilegia as comunidades de favelas e assim o faz também o Beleza Pura, mas voltado ao universo da estética.

<sup>6</sup> No estúdio pesquisado na Zona Sul, percebi que raramente os clientes preenchiam tais fichas, enquanto na Zona Norte nenhum cliente deixava de preenchê-las. Assim, não foi possível pesquisar o cadastro do estúdio observado na Zona Sul. A clássica oposição entre Zona Norte e Sul não será abordada aqui. Primeiro, conforme apontei acima, os estúdios não foram escolhidos, mas possíveis. Segundo, a clientela não pareceu apresentar variações. Como será indicado, situações análogas ocorrem tanto em um estúdio quanto no outro.

<sup>7</sup> Segundo os tatuadores, em função da remuneração salarial adicional recebida no período de férias.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

40-49	19 (12%)	17 (6.7%)	22 (13.2%)	58 (10%)
50-59	6 (3.8%)	4 (1.6%)	3 (1.8%)	13 (2.2%)
60 ou mais	1 (0.6%)	3 (1.2%)	-	4 (0.7%)
<b>TOTAL</b>	159 (100%)	254 (100%)	166 (100%)	579 (100%)

Embora a amostra seja pequena e não permita generalizações, indica tendências. Primeiro, o número de clientes na faixa etária de 18 a 19 anos mantém-se estável e, ao invés de aumentar proporcionalmente em dezembro com o conjunto da clientela, cai. Em dezembro, mês de alto movimento, é a faixa entre 30 e 39 anos a que mais cresce: mais de 10% de incremento. No mesmo período, a faixa de 20 a 25 anos, decresce.

A construção de faixas etárias buscou permitir uma melhor visualização do problema da determinação do público etário principal. A busca por um critério que permitisse a organização de tais dados levou em consideração a preponderância numérica de casos em determinadas idades, que foram agrupadas. O que se torna mais relevante, ao meu ver, é saber em que medida a tatuagem é hoje uma prática de juventude e em que medida ela tem sido buscada por sujeitos mais velhos – e por que. Embora as definições de juventude tenham sido recorrentemente baseadas em uma dicotomia entre a faixa etária e alguns marcos de transição para a idade adulta<sup>8</sup> (Pais, Cairns e Pappámikail 2005), não é possível neste trabalho operar a partir destes marcos, uma vez que os dados que permitiram a construção de um perfil de clientes são quantitativos, o que me leva a uma abordagem mais etária e geracional do que dos marcos da transição à adultez. Desta forma, agrupei os resultados finais em dois blocos: um que vai dos 16 aos 25 anos e outro que vai dos 26 em diante. Esta escolha se alinha com a indicação etária da OMS sobre o escopo etário da categoria juventude como sendo constituído de indivíduos entre 10 e 24 anos, embora alguns autores possam utilizar outro escopo<sup>9</sup>.

<sup>8</sup> São eles: fim do processo de escolarização, primeiro emprego, saída da casa paterna, primeira união conjugal e primeiro filho, com um sentido linear dos acontecimentos que têm se perdido nas últimas décadas em virtude de fatores como novos arranjos conjugais, uma nova moral sexual pós-década de 1970, a atual dificuldade de inserção no mercado de trabalho e, conseqüentemente, de estabilidade financeira (VIEIRA 2006).

<sup>9</sup> PAIS, CAIRNS e PAPPÁMIKAIL (2005), por exemplo, para efeitos de pesquisa tomaram a faixa de 16 aos 34 anos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Pode-se observar na tabela acima que o público preponderante parece estar entre os 20 e os 39 anos, com uma ligeira vantagem para as faixas entre 20 e 25 anos e entre 30 e 39 anos. Esta última faixa é, talvez, aquela que cause alguma surpresa, pois os 30 anos não costumam ser considerados como juventude, muito embora os marcos da passagem à vida adulta venham se tornando tardios, ou seja, sendo alcançados em idades mais avançadas. O avanço etário da juventude, conforme apontado por diversos autores (Pais, Cairns e Pappámikail 2005), envolve dependência financeira, maior tempo residindo na casa paterna/materna, instabilidade profissional no mercado de trabalho, mais anos de escolarização e, para alguns (Singly 1993), relações afetivas instáveis – marcos mais relevantes do que a idade do indivíduo. Outros autores (Lyra et al. 2002) apontam, inclusive, para a criação de novas categorias classificatórias para este fenômeno, como “adultescência”, “pós-adolescência” e “geração canguru<sup>10</sup>”. Para outros, contudo, mais surpreendente pode ser a existência de casos de tatuagem em indivíduos acima dos 60 anos.

Observa-se que a definição etária de juventude é a chave para sugerir a tatuagem como prática de juventude hoje ou não mais, na medida em que a pequena faixa entre 26 e 29 anos desestabiliza e inverte as perspectivas, tendendo para manutenção da proporção 40% / 60%. Esta possibilidade surpreende e indica a popularização da prática entre a população em geral. Contudo, seriam seus usos os mesmos?

### **Marca de passagem**

Gostaria de apresentar a situação na qual a tatuagem parece mais caracteristicamente jovem, ou seja, vinculada a processos sociais relacionados a uma concepção de juventude, de seus marcos e da noção de passagem entre fases de vida. Desde que Van Gennep (1978) escreveu sobre os ritos de passagem em sociedades tradicionais, somos muitas vezes tentados a observar este hábito por toda parte quando se trata de passagens. Quando afirmo que alguns jovens utilizam a tatuagem como uma marca simbólica da transição a um novo *status* isto não significa que tenham enfrentado um rito

---

<sup>10</sup> Embora os autores não indiquem o sentido desta última expressão, parece se tratar de uma crítica à saída



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

de passagem. A marca, aqui, não tem significado coletivamente compartilhado nem é imposta pela sociedade. Ela é uma escolha e seu significado é pessoal. Dito isto, gostaria de apresentar alguns casos que observei em campo.

Mônica<sup>11</sup> foi ao estúdio para se dar de presente de aniversário, como contou, sua primeira tatuagem. Havia completado 18 anos três dias antes. O namorado foi acompanhá-la. Escolhera tatuar um leão por ser o seu signo astrológico. O tatuador escolheu um leão filhote como modelo e teve a preocupação de torná-lo “um desenho feminino”, conforme disse a Mônica, ou seja, sem traços de agressividade. A moça escolheu a perna como local a ser marcado, na parte lateral, um pouco acima do tornozelo.

Marcela, por sua vez, fora para sua primeira tatuagem acompanhada por uma amiga de cerca de 35 anos, já tatuada. O desenho era um presente de aniversário, cujo valor seria dividido entre as duas<sup>12</sup>. Optou por um gnomo sentado em um cogumelo, mas pediu ao tatuador que diminuísse o desenho. Escolheu as costas (omoplata) para tatuá-lo.

Para Marcela e Mônica, os 18 anos parecem marcados pela idéia de liberdade: a liberdade de se tatuarem, a autonomia sobre seus corpos, a liberdade de fazerem dele o que quiserem, sem a presença de nenhum responsável, mas com o apoio de uma amiga ou um namorado. Mais do que tatuadas, estavam informando, por meio de seus corpos, que eram pessoas “maiores”, ou seja, com um grau de autonomia antes inexistente e, ao mesmo tempo, experimentando esta autonomia, colocando-a em prática. Pode-se sugerir que há uma dimensão pessoal na experiência de completar os 18 anos que é subjetivamente vivida e interpretada de forma a construir, para alguns, esta necessidade da marca corporal, uma marca que representa um novo *status* social, ainda que a vida continue transcorrendo da mesma forma que a anterior. Quero com isso indicar que não há necessariamente uma ruptura no fluxo da vida cotidiana e que a marca simboliza uma passagem que é subjetivamente valorizada. É necessário advertir, porém, que não se está afirmando aqui que a marca tenha sido desejada exclusivamente em função da maioridade e não antes.

---

considerada tardia da casa paterna/materna.

<sup>11</sup> Todos os nomes são fictícios.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Outro aspecto é semelhante em ambos os casos: a companhia do namorado e da amiga contrastam com a frequência de mães neste estúdio. Torna-se interessante diferenciar esta situação daquela na qual a mãe acompanha a filha, quando a relação intergeracional marca um processo coletivo feminino de práticas corporais e não necessariamente um rompimento com um *status* de minoridade. Convém questionar o quanto a companhia do responsável freia a sensação de autonomia em adolescentes de 16 a 18 anos que desejam ser tatuados.

### **Conflito de gerações**

Conforme indiquei acima, Mônica e Marcela foram ao estúdio na companhia do namorado e de uma amiga, respectivamente, para adquirirem suas primeiras tatuagens. Não se pode afirmar que este seja o procedimento padrão entre jovens. Ao contrário, observei muitas moças irem ao estúdio acompanhadas pelas mães. Nestes casos, sugiro que a tatuagem se tornou uma ritual de embelezamento que mãe e filha compartilham, embora as mães nem sempre sejam tatuadas – o que não significa que esta inversão não seja possível: de fato observei uma mãe ser acompanhada de uma filha para ser tatuada. Na maior parte das vezes, vi as mães aguardarem suas filhas na sala de espera. Em alguns casos, a mãe se torna conselheira, observando o processo de tatuar e interferindo quando acha necessário. Esta interferência diz respeito, sobretudo, ao que será tatuado (desenho) e onde (local do corpo), o que demonstra que mesmo no apoio oferecido, as mães exercem um controle sobre os corpos de suas filhas. A mãe no estúdio de tatuagem desempenha uma dupla função: ela dá apoio, mas também controla, restringindo a escolha livre do desenho e do local do corpo a serem tatuados (Osório 2005).

---

<sup>12</sup> A tatuagem é uma prática cara, cujos valores frequentemente ultrapassam os R\$100. Há um mínimo cobrado nos estúdios que oscila entre R\$60 e R\$100, referente aos menores desenhos. O preço é uma conjugação de tamanho, elaboração do desenho e região do corpo a ser marcada.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Em reportagem de capa para a revista *Vida*<sup>13</sup> de agosto de 2004 (Almeida 2004), em função da Resolução Municipal carioca que impõe regras à tatuagem em menores, o conflito geracional se torna evidente, apresentado pelo lado da crítica de pais a filhos. Gostaria de apresentar os argumentos, conquanto não se trate especificamente de tatuagens, mas do *piercing*, modificação corporal efetuada através de adorno que pode ser retirado e usado quando se quer, ao contrário da tatuagem. Chama a atenção, ainda, a idade dos adolescentes entrevistados. É interessante notar como o corpo emerge como o local da disputa e do controle na família.

Ao longo da reportagem, percebe-se que os pais entrevistados, embora levantem questões de “risco à saúde”, não estão apenas preocupados com os malefícios físicos que tal prática pode vir a trazer, mas também com as suas implicações morais. Os pais se referem a “problemas” nunca claramente especificados, o que aponta para uma idéia de que ou não há argumentos substanciais e a noção de risco está vinculada a um medo difuso<sup>14</sup>, ou se trata de uma alusão a possíveis estigmas (Goffman 1975) tampouco determinados. Observe-se que, na medida em que concepções de juventude envolvem a idéia de que os jovens podem romper com códigos morais conservadores vigentes e que formam uma espécie de grupo de risco (Lyra et al. 2002), é justamente a implicação moral de seus atos o que preocupa os pais. Se a desconfiança quanto à assepsia e a capacitação do *piercer*<sup>15</sup> podem ser contornadas com a aplicação da jóia feita por um médico, salvando o jovem dos “riscos à saúde”, a desconfiança moral não pode ser contornada.

Na revista, apenas adolescentes do sexo feminino são entrevistadas<sup>16</sup>. Um único rapaz mencionado é primo de uma das entrevistadas, todas menores de 18 anos. Ao final da reportagem, as opiniões de um médico e de um psicólogo dão pistas sobre as diferentes visões: de um lado os pais e o discurso médico se alinham em uma voz quase uníssona; de

<sup>13</sup> Que era veiculada semanalmente pelo hoje extinto *Jornal do Brasil* no Rio de Janeiro.

<sup>14</sup> GONÇALVES (2005), sobre o medo que os pais têm de que seus filhos sejam vítimas da violência urbana, percebe também que o medo é de origem difusa, como se o risco fosse difuso.

<sup>15</sup> Profissional que aplica *piercing*.

<sup>16</sup> O estudo dos usos relativos ao *piercing* não é objeto da pesquisa aqui apresentada, portanto não possui informações sobre o perfil dos adeptos, sua faixa etária ou sexo majoritário.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

outro, os filhos e o psicólogo apresentam as modificações corporais como fruto da sociedade e da cultura.

A professora Maristella Almeida Cunha, mãe de uma adolescente que fez um *piercing* aos 13 anos, contou à revista *Vida* como se preocupou com o que considerou “despreparo para algum imprevisto. Não havia kit de primeiros socorros, nem um profissional de saúde” (Almeida 2004: 17), apesar de ter considerado o local bastante asséptico. Logo após, ela conclui: “não considero o *piercing* um adorno bonito. Ao contrário, acho vulgar” (Almeida 2004: 17).

Vânia Maria de Oliveira, dona-de-casa, negou às filhas de 13 e 16 anos permissão para se submeterem ao *piercing*. Segundo ela, “isso é só um modismo. Vai passar como todas as modas. Além disso, existem riscos à saúde delas. [...] Se permitisse que elas colocassem o *piercing*, estaria trazendo problemas para todos nós” (Almeida 2004: 18). A filha de 16 anos argumentou que o *piercing* pode ser retirado, diferentemente da tatuagem, que é permanente: “tatuagem, não. É uma marca para sempre” (Almeida 2004: 18). Neste caso, o *piercing* está em contraposição à tatuagem na percepção adolescente, mas não na materna. Esta diferença é utilizada como argumento para uma prática vista pelos pais não apenas como perigosa, mas como de mau gosto, vulgar, fruto de uma moda que, como todas as modas, há de passar um dia.

Sobre esta categoria moda, é interessante observar que a palavra traz em si a idéia de algo passageiro, compartilhada pela filha. Ao mesmo tempo, moda ganha um tom pejorativo, de algo que influencia os sujeitos para além de sua capacidade reflexiva e crítica, o que é indicado pela noção de que um *piercing* poderia trazer problemas a toda a família e não apenas às meninas. Sendo algo passageiro para Vânia, ela não lhe dá valor, prevendo que o tempo dará cabo dos desejos das filhas. A adolescente, contudo, utiliza o mesmo argumento para tentar convencer a mãe de que os eventuais problemas também seriam passageiros, pois a jóia pode ser retirada. Não creio, contudo, que se tratem dos mesmos “problemas”. Quando a adolescente compara tatuagem e *piercing*, trazendo à tona a diferente natureza das práticas quanto à sua permanência, o que faz é elaborar uma reflexão sobre elas. Ela se coloca em posição desprivilegiada para decidir sobre algo que



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

pode marcá-la por toda a vida, como a tatuagem, mas não para decidir sobre o *piercing*, por sua qualidade não-permanente.

No aparente conflito de gerações, são noções morais de gosto (o vulgar e o modismo, por exemplo) que parecem exprimir os prós e contras para *piercings* e tatuagens – e possivelmente outras práticas de modificação corporal, mas gostaria de sugerir que o que está em jogo é, de fato, o grau de autonomia dado ou negado aos filhos. Quando os filhos tentam escapar à decisão paterna e tentam exprimir uma autonomia pessoal centrada no corpo, lança-se mão dos “riscos à saúde” para coibir as intenções dos mais jovens e persuadi-los a partir de um discurso sobre o gosto que é de fundo moral, e não estético. Em sujeitos acima dos 18 anos, não há como proibir a prática, o que não significa que não haja oposição.

Francisco, um cliente do estúdio pesquisado na Zona Sul, indicou como viveu processo familiar contrário à tatuagem. Morando sozinho desde seus 19 anos, tatuou-se sem o conhecimento de seus pais. O desenho gravado no braço era escondido pelas mangas da camisa. Quando se tornou mais confiante de seu desejo por novas marcas, Francisco tornou-se, ao mesmo tempo, mais relaxado no encobrimento da tatuagem. A mãe, ao perceber o desenho, disse-lhe que era bonito, mas que esperava que fosse o único. A cada nova tatuagem, contou ele, a mãe reforça o desejo de que não se tatue mais. Seu pai, por outro lado, foi mais enfático em sua crítica: disse-lhe que “quem pinta o corpo é índio”, indicando a velha diferenciação entre hábitos civilizados, de bom gosto, e hábitos selvagens, que devem ser evitados.

Moda ou “coisa de índio”, trata-se de algo que não nos pertence e que, por isso, deve ser abandonado. O pai do cliente observa a prática como culturalmente mais alinhada com outros povos, operando uma desvalorização da mesma. É justamente nesta não percepção da tatuagem como uma nova prática corporal, alinhada com uma nova cultura do corpo, que os pais de adolescentes encontram argumentos para se oporem aos *piercings*, desvalorizando-os a partir da noção de que se trata de uma moda. Sugiro aqui, contudo, que se trata menos de uma questão de “gosto” ou de “risco” do que da percepção da família de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

que se tatuar é uma forma de exprimir individualidade e que o *piercing* constitui, neste processo de individualização e expressão de autonomia, espécie de meio caminho andado.

### **Autonomia, corpo, individualismo e *posse de si***

O individualismo na juventude incorre em elementos como o valor dado à autonomia, à diversão e à experimentação, bem como às idéias de escolha, auto-realização e autenticidade (Pais, Cairns e Pappámikail 2005). No caso da tatuagem, é necessária uma leitura conjunta sobre individualismo e usos do corpo. Observei que a tatuagem entre alguns jovens tanto quanto entre algumas mulheres – embora aqui eu tenha privilegiado os primeiros como foco da análise – expressa uma busca, ou um exercício, de autonomia pessoal. O corpo pode, nestes casos, ser um dos espaços desta experimentação tanto quanto da marca desta autonomia. A auto-realização, a experimentação e a autonomia passam pelos usos que o sujeito faz de seu corpo.

A tatuagem relacionada à autonomia foi caracterizada na literatura dedicada ao seu estudo sob o conceito de *posse de si* (Benson 2000; Le Breton 2002), segundo o qual os tatuados marcam seu corpo como uma forma de afirmação de propriedade sobre ele. Noção amparada por um contexto individualista, em que a autonomia pessoal é valorizada e buscada, traz questões relacionadas à dinâmica entre indivíduo e sociedade, mas também controle e resistência, superfície e profundidade e, ainda, corpo/mente (Eu interior). Para Benson (2000), é em um contexto individualista ocidental que a tatuagem passa a adquirir este uso de *posse de si*, identificando o corpo não mais como um objeto e sim como pertencente ao Eu, ao sujeito. Trata-se de uma marca que emerge a superfície vinda das profundezas do Eu, em uma espécie de grito por autonomia. Para Le Breton (2002), o conceito é percebido na disputa geracional entre jovens e pais. A disputa pelo controle daqueles, que passa pelo controle de seus corpos, faz com que busquem na tatuagem uma forma de marcar o pertencimento de seus corpos a si mesmos, e não mais a seus pais. Diz o autor: “os corpos legados pelos parentes são modificados para se fazerem definitivamente



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

seus [dos jovens]. [...] A marca corporal assinala o pertencimento a si. Rito pessoal para se transformar transformando a forma de seu corpo”<sup>17</sup> (Le Breton 2002: 175).

A marca dá posse ao corpo, uma posse requisitada pelo sujeito frente a determinadas instâncias da sociedade. No caso dos jovens, esta instância é a família e é compreensível que o seja, uma vez que a saída da casa paterna/materna e a independência financeira constituem marcos da transição para a adultez e, conseqüentemente, de independência e ganho de autonomia. Assim, ao mesmo tempo em que marca a mudança de *status*, atesta o tomar posse de seu corpo como uma forma de autonomia pessoal. O mercado de trabalho, por outro lado, é uma instância reguladora cujo poder não pode ser questionado, tampouco o é. Em campo, observou-se todo um processo de racionalização na escolha dos locais a serem tatuados, em função não apenas da família, mas, sobretudo, do mercado de trabalho. Este aceita os tatuados apenas na medida em que suas tatuagens possam ser consideradas discretas, o que na maior parte das vezes significa pequenas<sup>18</sup> e encobertas pelas roupas, conforme reportagem de Calaza (2005) para o jornal carioca *O Globo* demonstrou.

Porém, conforme vem sendo apontado pela literatura dedicada ao tema (Leitão, 2002), hoje as mulheres constituem a clientela majoritária da prática. Assim, pode-se sugerir, também, que a tatuagem como signo de autonomia opera dicotomicamente tanto em termos geracionais quanto em termos de gênero. Em outras palavras, os jovens aos quais me refiro no presente artigo são, em sua maioria, *as* jovens. Dadas as relações de gênero no Brasil, onde uma igualdade entre os sexos não foi alcançada, pode-se propor que, para elas, alcançar uma autonomia tem um sentido particular, na medida em que as moças costumam ser mais controladas do que os rapazes. De fato, a pesquisa de campo apontou para um constrangimento sofrido por algumas mulheres adultas (economicamente ativas, casadas e mães) ao fazerem suas tatuagens, constrangimento causado tanto pela família de

---

<sup>17</sup> “*Les corps legue par lês parents est à modifier pour lê faire définitivement sien. [...] La marque corporelle signe l'appartenance à soi. Rite personnel pour se changer soi em changeant la forme de son corps*”.

<sup>18</sup> Daí, provavelmente como mais uma variável na construção desse novo público da tatuagem, a grande procura feminina por tatuagens: suas áreas do corpo tatuadas e seus desenhos são sempre pequenos e o jogo de revelar/esconder é utilizado por elas em aspectos outros que o profissional, como o flerte e a sedução. Ver LEITÃO (2002).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

origem quanto pelo marido/namorado/companheiro. O controle dos corpos femininos é exercido de uma forma que não se observa entre os homens (Bourdieu 2003) e este controle é uma das principais formas de controle dos sujeitos.

## Considerações Finais

Rompendo com um senso comum que pensa a tatuagem como um adorno corporal utilizado por indivíduos do sexo masculino participantes de grupos jovens, observei, em campo, que o público atual da prática é outro e que seu uso vai além do embelezamento. O universo da tatuagem, conforme indicado de forma rápida, é generificado, ou seja, constituído por separações entre os gêneros. Embora não haja uma separação análoga baseada nas categorias adulto e jovem, a geração e a faixa etária parecem apresentar distinções interessantes quanto aos usos. Entre estes usos, destaquei aqueles observados entre os jovens, mas não necessariamente exclusivos deles.

Foi apenas a partir de uma visão dada pelo trabalho de campo que se pôde constituir algumas das idéias aqui apresentadas. Em primeiro lugar, a tatuagem não é um adorno caracteristicamente jovem, mas é popular entre os jovens. Em segundo lugar, coube observar em que situações a juventude foi um fator associado à prática. A partir destes dois eixos, então, identifiquei casos em que a marca envolve a mudança de *status* e outras situações em que ela se apresenta em meio a um conflito ou tensão pelo poder de modificar o próprio corpo. Em ambos os casos, há um uso político do corpo acenando para as relações de poder existentes no cotidiano dos sujeitos. Estas relações são mantidas especialmente em duas esferas: na família e no mercado de trabalho.

Utilizando a restrição ao uso de *piercings* como um contraponto, tentei indicar como a permanência da marca nem sempre é a questão-chave quanto à interdição de seu uso. Em outras palavras, as restrições impostas aos adolescentes que querem um *piercing* parecem ser da mesma natureza que aquelas impostas sobre quem deseja uma tatuagem e é constrangido pelo mercado de trabalho ou pela família. Na busca pelo direito à marca, então, os tatuados empreendem uma busca pelo poder de modificar seus corpos. A



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

autonomia sobre o corpo é uma autonomia sobre o indivíduo. Trata-se, portanto, de uma marca que, mais que um adorno, enseja uma reflexão sobre liberdade, controle e resistência.

Sobre os jovens observados em campo, está clara a relação entre maioria e autonomia como causas de uma mudança de *status*. Entre outros jovens, possivelmente, a autonomia não é o fator determinante da aquisição da marca, com isso apontando para a tatuagem como processo que marca esta autonomia para alguns, mas não para todos. Existem múltiplos usos possíveis para a tatuagem, incluindo aqueles relativos ao embelezamento e à sedução. Não coube tratar de cada um deles, mas indicar um caminho reflexivo para se compreender sua importância e seu uso entre os jovens.

Os embates percebidos na aceitação ou não da tatuagem e no desejo por ela não são oriundos do próprio universo da tatuagem, mas reflexo da sociedade, das relações familiares e da inserção dos indivíduos no mercado de trabalho, seu imaginário e suas aspirações. Assim, a tatuagem permite uma reflexão sobre instâncias de controle corporal como instâncias de controle do indivíduo. O corpo emerge como espaço de uma luta simbólica, política, por individualidade. Nesta luta, autonomia, originalidade, distinção, liberdade, controle e resistência são elementos constitutivos do processo experimentado: em alguns casos causa – em outros, consequência – do desejo de ser tatuado.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ABRAMO, Helena. 1994. *Cenas juvenis – punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta.

ALMEIDA, Aline. 2004. “No ringue com o *piercing* – a moda do adereço perfurante divide os pais, que temem pela saúde dos filhos.” *Revista Vida do Jornal do Brasil*, ano 1, n. 36: 16-20, 14 ago.

BENSON, Susan. 2000. “Inscriptions of the Self: reflections on tattooing and piercing in contemporary Euro-America.” In CAPLAN, Jane (org.), *Written on the body – the tattoo in european and american history*. New Jersey: Princeton.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

- BOURDIEU, Pierre. 2003. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand.
- CAIAFA, Janice. 1988. *Movimento punk na cidade – a invasão dos bandos sub*. Rio de Janeiro: Zahar, 2 ed.
- CALAZA, Luciana. 2005. “Com o dragão tatuado no braço – aumento do número de pessoas com tatuagem e piercing gera polêmica no mercado de trabalho.” *O Globo*. Boa Chance: 1. 1º maio.
- COSTA, Márcia Regina. 1993. *Os ‘carecas do subúrbio’ – caminhos de um nomadismo moderno*. Petrópolis: Vozes.
- GOFFMAN, Erving. 1975. *Estigma - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- GONÇALVES, Hebe Signorini. 2005. “Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade”. *Tempo Social*, v. 17, n. 2, novembro/2005: 207-219.
- LE BRETON, David. 2002. *Signes d’identité – tatouages, piercings et autres marques corporelles*. Paris: Métailié.
- LEAL, Mariana. 2005. “Pele ilustrada”. *Beleza pura*. Espelho meu. Acesso em 17 fev. <<http://www.belezapura.org.br>>
- LEITÃO, Débora Krischke. 2002. *O corpo ilustrado - um estudo antropológico sobre usos e significados da tatuagem contemporânea*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- LYRA, Jorge et al. 2002. “‘A gente não pode fazer nada, só podemos decidir sabor de sorvete’. Adolescentes: de sujeito de necessidades a um sujeito de direitos”. *Caderno Cedes*, v. 22, n. 57, agosto/2002: 9-21.
- MARQUES, Toni. 1997. *O Brasil tatuado e outros mundos*. Rio de Janeiro: Rocco.
- OSÓRIO, Andréa. 2005. “O gênero da tatuagem: pensando masculino e feminino em estúdios no Rio de Janeiro”. *Revista Contemporânea*, ano III, n. 5, dezembro/2005. Acesso em 20 jun 2006. < <http://www2.uerj.br/~fcs/contemporanea/n5/artigosorio.htm> >
- PAIS, José Machado; CAIRNS, David; PAPPÁMIKAIL, Lia. 2005. “Jovens europeus: retrato da diversidade”. *Tempo Social*, v. 17, n. 2, novembro/2005: 109-140.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

RIO DE JANEIRO (Município). 2004. Secretaria Municipal de Governo. “Resolução SMG ”N” n. 690 de 30 de julho de 2004. Dispõe sobre a regulamentação para o funcionamento dos estabelecimentos executores da atividade de interesse à saúde em aplicação de *piercing* e tatuagem, e dá outras providências.” *Diário Oficial Eletrônico do Município*. Acesso em: 30 ago 2004. < <http://www.rio.rj.gov.br/dorio> >

SINGLY, François de. 1993. *Sociologie da la famille contemporaine*. Paris: Nathan.

VAN GENNEP, Arnold. 1978. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes.

VIANNA, Hermano. 1985. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro: Zahar.

VIEIRA, Joice Melo. 2006. “Transição para a vida adulta, família e curso de vida”. *XXV Reunião Brasileira de Antropologia*. CD-Rom.

WELLER, Wivian. 2005. “A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível”. *Revista Estudos Feministas*, 13(1), janeiro-abril/2005: 107-126.